

Que *a poesia não acaba nunca* pode ser dito num sermão, num aviso, como carinho, num samba, num segredo, mas não se pode dizê-la, no sentido das possibilidades de coerência dessa frase, *com a poesia ninguém acaba nunca*, como ofensa, injúria, agressão, perjúrio, calúnia. O elo entre essa palavra, a poesia, e o outro é tal que os usos nos quais essa palavra, a poesia, parece fazer sentido excluem as situações em que o outro é ou pode ser violentado. (É preciso fazer poesia e pensar poesia para que assim, a cada vez, aconteça.) E os sentidos que faz, quando faz, inumeráveis e instáveis, parecem espantar qualquer tentativa de dicionário: é preciso se perguntar pelo sentido que não tem fim na poesia. Penso que Alberto Pucheu, quando assina seus ensaios, escreve nesse lugar da palavra poesia quando os sentidos dessa palavra pesquisam as formas pelas quais se pode ler e fazer poesia atravessando filosofia, ler e fazer poesia atravessando política, ler e fazer poesia atravessando animais, ler e fazer poesia atravessando prosa, ler e fazer poesia atravessando Annita Costa Malufe, ler e fazer poesia atravessando Luís Miguel Nava, ler e fazer poesia atravessando Manoel de Barros, ler e fazer poesia atravessando Davi Kopenawa e Bruce Albert, ler e fazer poesia atravessando *Édipo Rei*, ler e fazer poesia atravessando o amor, ler e fazer poesia atravessando, enfim, qualquer outra coisa como poesia. Na dobra da capa com a face voltada para dentro do livro, a orelha ensaia atrapalhada o que um livro é enquanto se lê – objeto maior por dentro que por fora. A orelha convida a tratar o livro como um bicho, desdobrando-o e aumentando-o, desfolhando-o antes de folhear, excedente da capa, do miolo, a orelha esporra, aberrante, repete o título e se põe a escutar: “sendo a poesia um mergulho na alteridade”, “dizer o amor para não sucumbir, para, se sucumbir, for só a ele”, “o poema [...] é muito hábil em impotências”. Por não se tratar de decidir por limites, os ensaios de Pucheu desenham uma (po)ética da impropriedade, e uma frase lida ou ouvida, num vídeo do YouTube ou numa viagem de trem, numa mensagem inbox ou no começo de um livro, de repente recolocam a pergunta: que porra é essa? Como “Faz muito tempo, você veio viver entre nós e falava como um fantasma”, lida no começo de um livro e que se torna começo de um ensaio desse livro, e não se sabe mais, quando lida, se foi dita do índio para o antropólogo, do índio para todos os americanos não-indígenas, do texto para qualquer leitor, do poeta para a musa, da musa para o poeta. A poesia, nome impróprio daquilo que nomeia, como a porra que atravessa, como um bicho, um travessão, um ensaio, o espaço entre o vivo e a vida, entre o espanto e a pergunta, entre a primeira página e a última.

Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa